

A Música no Culto

Um convite à reflexão sobre o papel do músico na liturgia

André R. Fonseca

A Música no Culto

Um convite à reflexão sobre o papel do músico na liturgia

André R. Fonseca

F676m

FONSECA, André Ribeiro

A Música no Culto: um convite à reflexão sobre o papel do músico na liturgia / André R. Fonseca., 38 p.

1. Música. 2. Liturgia. 3. Músico. I. Título

CDU 253 | CDD 264.2

ISBN 978-85-919135-0-3

Copyright 2015 © Todos os direitos reservados.

O autor é membro da Igreja Batista Jardim Santíssimo, bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Batista Carioca, pós-graduando em teologia bíblica no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e mestre em teologia - Faculdade Educacional de Teologia.

contatos@andrerfonseca.com

TRADUÇÃO BÍBLICA UTILIZADA NAS CITAÇÕES:

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje, SBB.

*À memória de
Alceo Bocchino*

PREFÁCIO

Esta obra do meu amigo e irmão de longa estrada, André Ribeiro Fonseca, é um bem ajustado começo para quem deseja iniciar seus estudos sobre música e liturgia. Ideal para quem busca, no meio de certa confusão no cenário evangélico brasileiro, uma direção quanto ao "como fazer" e "como não fazer" música na igreja, principalmente num contexto de culto congregacional. Funciona como uma bússola apontando para o norte da excelência a ser perseguida na ministração de louvores a Deus em forma de música nas igrejas. Com definições claras e emprego de linguagem acessível a qualquer leitor, o autor, músico de bastante experiência e de sólida formação, une sua prática a seu senso de observação do cenário que temos hoje nos ministérios de música para trabalhar as questões essenciais sobre o lugar do músico no culto e a função da música na liturgia.

Este é um livro introdutório, curto, direto e objetivo sobre questões bem presentes na enorme maioria das igrejas espalhadas pelo Brasil. A principal relevância que destaco deste e-book é justamente a de ser uma luz que desperta a consciência de quem busca a excelência na ministração em forma de música dedicada a Deus. Despertar a consciência de que há muito para aprender e que nem sempre, ou na maioria das vezes, o que fazemos não está tão bom assim; consciência de que não podemos e nem devemos fazer o que achamos legal ou simplesmente imitar o último "gospel" da moda e que não buscamos entretenimento (longe de nós isso!). A música no culto tem papel muito sagrado, pois é o momento no qual estamos reunidos para adorarmos a Deus; e quando realizada nessa função litúrgica, a música é um dos maiores dons artísticos dados por Deus a nós.

A música que se faz na maioria das igrejas pelo Brasil é amadora em técnica e, bem pior, muitas vezes, destituída de elementos de relevância para a doxologia (do grego δόξα [doxa] "glória" + -λογία [-logia], "palavra"). Entenda doxologia como a forma que louvamos a Deus e rendemos a Ele glória em um ambiente congregacional de culto. Se o propósito da música é o de glorificar a Deus, a primeira pergunta que nos cabe fazer é: a maneira como se faz música no culto hoje está adequada a esse propósito? É claro que há igrejas com todo o suporte, técnico e humano, onde se produzem grandes expressões de louvor a Deus. Ainda assim, outra pergunta também embutida neste livro é: a música que produzimos está correspondendo ao que se espera para um culto?

Das artes para o louvor, e principalmente no contexto de reunião de salvos, por excelência na sua forma e função, é a música que tem total destaque, comprovado pelo livro de Salmos e atestado pelo maior ministro de louvor relatado nas Escrituras: Davi, os Salmos são inteiramente dedicados a cânticos para a liturgia, com seu conteúdo em forma de louvores, glorificação, exaltação, amor, dependência, confiança, espera ardente, tristezas e angústias profundas, expectativa, desejo e desfalecimento, sempre presentes, numa mistura de música e poesia.

Os cânticos no culto superam as outras formas de arte: a letra com música é capaz de transmitir uma mensagem de forma artística que fala diretamente ao coração dos presentes sobre sentimentos encontrados nas palavras cantadas. A execução correta da música no culto traz grandes bênçãos a todos os participantes do momento litúrgico, mesmo que muito simples em sua produção e forma. De mesmo modo, algum elemento “desafinado” no meio da ministração de louvores a Deus traz grande desarmonia ao andamento do culto. Assim, aponto para outra importância deste livro, caro leitor: produzir o desejo de entregar a Deus, no culto, uma doxologia (uma glorificação do ser de Deus, uma exaltação, um reconhecimento pleno) que sempre agrade nosso Deus e que, como relatado nas Escrituras, suba como cheiro suave a Ele. Esse é o propósito desta obra. Boa leitura e bom aprendizado!

Maxwel P. Dias

Experiente músico amador, atua há 27 anos no ministério de música de sua igreja em grandes e pequenos grupos. É graduado em História e Geografia, tem amor pela Palavra de Deus e segue, atualmente, um programa de leituras e releituras dos Salmos buscando melhor entendimento do assunto "música e louvor" a partir dos textos bíblicos.

SUMÁRIO

Introdução	7
Liturgia	9
A música	11
O músico	14
Um corpo com vários membros.....	16
Revedo conceitos.....	18
Ministério de música	19
Ministério de louvor	20
Louvor ou adoração	21
Para refletir.....	22
Ouvido cego e olho surdo	22
Música evangélica, arte e cultura ou elemento litúrgico?	23
Qual é o contexto da música, show ou liturgia?	25
Qual é a teologia da música?	26
Excelência não pode virar exibicionismo	26
Atire a primeira baqueta quem nunca improvisou	28
Uma colcha de retalhos	30
Unção ou catarse?.....	31
As funções das palmas.....	32
O rock do diabo e outros ritmos brasileiros	34
O animador de auditório	36
Um pitaco sobre o papel da coreografia na liturgia	36
Conclusão	38

INTRODUÇÃO

***“Jabal tinha um irmão chamado Jubal,
que foi o antepassado de todos os músicos que tocam lira e flauta”.***

Gênesis 4:21 [NTLH]

Maria Luiza de Mattos Priolli, em seu primeiro volume de teoria musical – Princípios básicos da música para juventude (1958), assim define o que é música: “música é a arte de regular os sons de acordo com as variações de altura, proporcionados segundo a sua duração e ordenados sob as leis da estética”.

Esta é uma boa definição; porém, muito técnica. Música é muito mais do que isso. A música é capaz de contar-nos uma história, nos fazer chorar, sorrir, refletir ou amar. A música mexe com nossos sentimentos. Basta ouvir o ritmo certo e nossos pés começam involuntariamente a dançar, ainda que o resto do corpo esteja imóvel.

A música é uma arte. E, como todas as artes, faz parte daquela centelha divina-criadora que nós carregamos como imagem e semelhança de Deus. Logo, a música faz parte do culto, desde os primórdios. O seu valor no culto é tão significativo que temos o maior livro da Bíblia composto apenas de músicas utilizadas no culto durante o Antigo Testamento. A música fez parte de momentos marcantes, como o cântico de Moisés registrado em Êxodo 15, logo após a perseguição dos egípcios, e o cântico de Miriã, também narrado na sequência. Moisés entoou uma nova canção em Deuteronômio 32, exaltando o nome de Deus por sua intervenção na história de seu povo. Mas, sem dúvida, o nome favorito ao Grammy da música do Antigo Testamento é Davi, o Rei-salmista.

Antes de ser traído, o evangelista Mateus registra que Cristo cantou uma canção com seus discípulos: “Então eles cantaram canções de louvor e foram para o monte das Oliveiras” (Mateus 26:30 – NTLH). Muitos estudiosos acreditam que a canção sobre o amor de Paulo (1Coríntios 13) era, na verdade, um hino cantado pela igreja primitiva. E, como se já não fosse muito, no livro de Apocalipse, João registrou o que viu: uma multidão de vozes cantando louvores a Deus nos céus!

Folheando algumas páginas da Bíblia, percebemos que a música no culto é algo natural. A música faz parte da vida, faz parte de nossa comunhão com Deus.

Ainda que se conheça pouco do aparato técnico da música na Bíblia, sabemos que Davi criou alguns instrumentos para uso no culto e temos informações da existência de certa diversidade de instrumentos; embora, não tenhamos ideia da complexidade das melodias, das harmonias e da estética musical daquela época. O período barroco, um pouco após o período da Reforma, talvez, seja o período no qual a igreja gozou de maior beleza estética e complexidade técnica na música como arte empregada no culto. As belíssimas cantatas de Bach são provas disso!

Um pouco dessa excelência da música foi preservada até nossos dias. Mas, ainda que se promova uma apresentação que exija muito labor técnico, como uma cantata com coro e orquestra, o dia a dia da música nas igrejas é predominantemente amadorístico.

Ser músico no Brasil é muito complicado. Música não é profissão, é coisa de vagabundo. Quando perguntavam sobre minha profissão e respondia que era músico, sempre ouvia: “sim... mas o que você faz para viver?” Como a música geralmente está associada ao prazer, as pessoas não entendem que música (como profissão levada a sério!) requer dedicação de tempo e dinheiro. Todavia, como arte, requer talento. O autodidatismo na música, por conta do talento, é condição comum de muitos, senão da maioria dos músicos no Brasil.

Por conta desse amadorismo no cenário musical brasileiro, a condição de músico de igreja se complica. Há boa intenção, mas pouco conhecimento técnico. Poucos entendem a função da música no culto e o seu papel como músico dentro de uma liturgia. Espero entregar um conjunto de reflexões sobre o tema que alimente o músico de informação relevante sobre seu papel no culto. Pode-se entender muito ou o suficiente de música para tocar na igreja – partitura, técnicas avançadas de dedilhado e digitação, harmonia funcional etc. Contudo, a experiência tem demonstrado que pouco, muito pouco, se sabe do aspecto “teológico” da música; ou seja, a música analisada pelo olhar crítico de um teólogo e não apenas músico. Graças a Deus, fui agraciado com a oportunidade de exercitar as duas visões e hoje acredito ter chegado à condição de compartilhar uma análise equilibrada do assunto.

Não tenho a intenção de produzir um tratado sobre a música na igreja, mas levar os leitores, músicos - profissionais ou não -, a refletirem sobre algumas questões relacionadas à música no culto de nossas igrejas, independente de denominação. Espero que a leitura seja suficiente, pelo menos, para promover o debate sadio, que resulta sempre em amadurecimento, a fim de entregarmos a Deus um culto racional que o agrade.

LITURGIA

“Os sacerdotes estavam nos seus lugares, e os levitas também, com os instrumentos de música sagrada que o rei Davi tinha feito para eles tocarem acompanhando o cântico ‘O Seu Amor É Eterno’. Era assim que eles executavam os cânticos de louvor feitos por Davi. Todos os israelitas ficaram de pé enquanto os sacerdotes, que estavam em frente dos levitas, tocavam as trombetas”.
2 Crônicas 7:6 [NTLH]

A palavra grega que deu origem, por transliteração, à palavra *liturgia* é λειτουργία (leitourgia); o significado de *leitourgia* é “obra pública” ou “dever público”. A Septuaginta, tradução do Antigo Testamento para o grego realizada por volta do segundo século antes de Cristo, emprega o termo *leitourgia* no contexto religioso, que permanece em uso no Novo Testamento – Lucas 1:23, 2Coríntios 9:12, Filipenses 2:17 e 30, Hebreus 8:6 e 9:21.

Em uma definição geral, *liturgia* é a coleção de formas ritualistas visando a ordem na adoração pública. Quando falamos de liturgia, portanto, estamos falando do passo a passo para uma ordem de culto. Essa liturgia, a ordem no culto público, deve conduzir os adoradores a um fim. Existe, ou deveria sempre existir, um objetivo a ser alcançado por cada passo, por cada elemento, que compõe a liturgia. Quais são esses passos e qual o objetivo final do culto?

Há muito tempo Isaías 6 tem sido empregado como um modelo de liturgia. É claro que o sexto capítulo de Isaías não foi escrito para servir de modelo litúrgico, mas uma maneira particular de analisar o texto nos ajuda muito bem a compreender as etapas de uma liturgia e a função de cada uma delas para alcançar um fim específico. Vejamos o texto:

6.1 No ano em que o rei Uzias morreu, eu vi o Senhor sentado num trono alto e elevado. O seu manto se estendia pelo Templo inteiro, 6.2 e em volta dele estavam serafins. Cada um deles tinha seis asas: com duas eles cobriam o rosto, com duas cobriam o corpo e com as outras duas voavam. 6.3 Eles diziam em voz alta uns para os outros: “Santo, santo, santo é o SENHOR Todo-Poderoso; a sua presença gloriosa enche o mundo inteiro!” 6.4 O barulho das vozes dos serafins fez tremer os alicerces do Templo, que foi ficando cheio de fumaça. 6.5 Então eu disse: — Ai de mim! Estou perdido! Pois os meus lábios são impuros, e moro no meio de um povo que também tem lábios impuros. E com os meus próprios olhos vi o Rei, o SENHOR Todo-Poderoso! 6.6 Aí um dos serafins voou

para mim, segurando com uma tenaz uma brasa que havia tirado do altar. 6.7 Ele tocou a minha boca com a brasa e disse: — Agora que esta brasa tocou os seus lábios, as suas culpas estão tiradas, e os seus pecados estão perdoados. 6.8 Em seguida, ouvi o Senhor dizer: — Quem é que eu vou enviar? Quem será o nosso mensageiro? Então respondi: — Aqui estou eu. Envia-me a mim! [NTLH]

Agora, observe cada elemento da liturgia como encontrado na experiência de Isaías.

- Deus se revela – “eu vi o Senhor sentado num trono alto e elevado...”
- Contemplação – “O seu manto se estendia pelo Templo inteiro...”
- Adoração – “Santo, santo, santo é o SENHOR Todo-Poderoso; a sua presença gloriosa enche o mundo inteiro!”
- Conversão – “Ai de mim! Estou perdido! Pois os meus lábios são impuros, e moro no meio de um povo que também tem lábios impuros. E com os meus próprios olhos vi o Rei, o SENHOR Todo-Poderoso!”
- Perdão – “Ele tocou a minha boca com a brasa e disse: — Agora que esta brasa tocou os seus lábios, as suas culpas estão tiradas, e os seus pecados estão perdoados.”
- Dedicção – “Em seguida, ouvi o Senhor dizer: — Quem é que eu vou enviar? Quem será o nosso mensageiro? Então respondi: — Aqui estou eu. Envia-me a mim!”

O culto, em suas diversas etapas, deve: apresentar Deus, promover à contemplação e conduzir à adoração, fazer os presentes enxergarem seus pecados, oferecer o perdão e fazer o chamado à dedicação de vida. Colocando de outra forma:

Ao apresentar Deus para os presentes no culto, a eles deve ser oferecida a oportunidade de contemplar a beleza, a graça, a majestade, a riqueza que há em Deus. Essa contemplação da beleza de Deus deve resultar em adoração, em louvores ao SENHOR pelo que Ele é. Quando o homem tem um encontro com Deus, ele toma consciência de quem Deus é, e a miséria da condição humana, corrompida pelo pecado, é evidenciada, fica exposta, porque o perdão só vem a partir da conscientização do pecador de sua condição diante de Deus. Uma vez consciente de seu pecado e o perdão alcançado, a dedicação de vida a Deus acontece naturalmente.

Essas são, portanto, as etapas da liturgia e suas respectivas funções. A música pode fazer parte como instrumento para cada uma dessas etapas. Se a música não cumpre com o papel de cada momento da liturgia, retire-a do repertório!

A MÚSICA

**“Cantem hinos de louvor ao SENHOR;
toquem músicas na lira em louvor ao nosso Deus”.**

Salmo 147:7 [NTLH]

Como foi possível observar por meio do exemplo da experiência de Isaías, como registrada no capítulo seis, a liturgia deve cumprir algumas etapas com funções bem específicas. A música pode ser um elemento de cada uma das etapas descritas no tópico anterior: apresentar Deus, promover a contemplação e conduzir à adoração, fazer os presentes enxergarem seus pecados, oferecer o perdão e fazer o chamado à dedicação de vida.

Apresentar Deus

Um cântico carregado de boa teologia, que expõe de forma clara e precisa as características da natureza de Deus, como amor, justiça, soberania, onipotência, imutabilidade etc, certamente serve como um elemento da primeira função do nosso modelo de liturgia. A pregação expositiva é o elemento mais eficaz, mas a música, embebida de textos bíblicos sobre os atributos divinos, pode perfeitamente complementar essa comunicação expositiva das maravilhas de Deus. Essa participação musical pode ser um solo vocal, apresentação de um pequeno grupo, banda ou coral.

Contemplação e Adoração

Esta é a parte típica da participação da equipe de cânticos. Na primeira fase, os presentes no culto são surpreendidos com interpretações musicais, recitativos bíblicos e quaisquer outras atividades que falem de Deus a eles, a participação é passiva; na fase de contemplação e adoração, há a participação ativa da Igreja. As canções devem ainda apresentar Deus no esplendor de sua beleza de forma a levar a Igreja a adorar a Deus pelo que Ele é: Santo, majestoso, perfeito, justo, amoroso, etc. Um bom exemplo de cântico é “Nosso Deus é Soberano” (SANTOS, Wilson, 19??):

*Nosso Deus é soberano,
Ele reina antes da fundação do mundo.
A terra era sem forma e vazia,
E o Espírito do nosso Deus,
Se movia sobre a face das águas.
Foi Ele quem criou os céus dos céus,
E fez separação das águas da terra seca,
Foi Ele quem criou os luminares,
Que criou a natureza
E formou o homem.*

*Glória a Deus, Por suas maravilhas
Pela sua grandeza, Glória a Deus.*

Expor o pecado

Muito comum das participações de solos vocais, letras muito bem elaboradas expõem a condição do pecador e sua dependência de Deus, de um Salvador. Canções como “Rude Cruz” (BENNARD, George, 1913) do Hinário Batista pode servir de um belo momento para reflexão, mesmo através de um solo vocal sem a participação ativa da Igreja como cântico congregacional:

*“Rude cruz se erigiu, dela o dia fugiu
Como emblema de vergonha e dor.
Mas contemplo essa cruz, porque nela Jesus
Deu a vida por mim pecador.”*

O Perdão

Algumas canções são muito especiais por conseguirem expressar em poesia a oportunidade de perdão que encontramos em Cristo. Um bom exemplo é a canção “Dá-me tua visão” (TERRELL, Beverly, 1965) do Hinário para o Culto Cristão:

*“Abre meus olhos, dá-me visão, Senhor!
Que eu possa aos outros demonstrar Teu maravilhoso amor”*

*“Quantos vivem sem conhecer a tua compaixão
Que eu mostre, pelo meu proceder, o teu amor e perdão”*

Dedicação de Vida

No momento do ofertório, ou após a pregação, convém cantar canções que convidem a Igreja a fazer a dedicação de bens e vida. Um belo exemplo é a canção “Que estou fazendo se sou cristão?” (ARAÚJO, João Dias de, 1967), também do Hinário para o Culto Cristão:

*“Que estou fazendo se sou cristão,
Se Cristo deu-me o seu perdão?
Há muitos pobres sem lar, sem pão,
Há muitas vidas sem salvação.
Mas Cristo veio pra nos remir,
O homem todo, sem dividir:*

*Não só a alma do mal salvar,
Também o corpo ressuscitar.”*

*“Há muita fome no meu país,
Há tanta gente que é infeliz,
Há criancinhas que vão morrer,
Há tantos velhos a padecer.
Milhões não sabem como escrever,
Milhões de pobres não sabem ler:
Nas trevas vivem sem perceber
Que são escravos de um outro ser.”*

Atente-se ao fato de que a música pode desempenhar o papel de um elemento de cada etapa da liturgia, mas não deve monopolizar o culto, substituindo os outros elementos que também devem compor cada etapa, como a pregação, recitativos, leituras do texto bíblico, oração etc.

O MÚSICO

**“Porque era entendido em música,
Quenânias foi escolhido para dirigir os músicos levitas”.**

1 Crônicas 15:22 [NTLH]

Após analisar Isaías 6 como modelo de liturgia, compreendemos melhor a função do culto. Quem vai à igreja precisa ter um encontro com Deus, precisa ter um encontro com Deus por meio de uma experiência religiosa autêntica, é claro. Tudo o que é feito no culto – os recitativos bíblicos, as músicas, a pregação – precisa apresentar Deus, a cada pessoa presente, como Ele realmente é. Quem participa da liturgia deve, por meio desses elementos do culto, ser levado ao estado de contemplação para que assim a adoração nasça em seu coração espontaneamente.

Conhecer a Deus é conhecer também a si mesmo. Não é possível ter um encontro legítimo com Deus sem que esse encontro resulte em mudança de vida. Mas, para que isso aconteça, o primeiro passo deve ser o reconhecimento de nossa dependência de Deus. Diante da contemplação de um Deus tão maravilhoso e perfeito, enxergamos nossa condição humana, nossos pecados. Um autoexame é necessário em todo culto. Sem isso, não há perdão. Jesus nos ensinou a orar; e, em seu modelo de oração, ele nos mostra a importância do autoexame e da prestação de contas diante de Deus. Não devemos subestimar a importância desse momento no culto. A música pode ser um bom instrumento para conduzir as pessoas a um momento de reflexão.

Tendo reconhecido o pecado e sua própria incapacidade de agradar um Deus perfeito, santo e justo, o perdão deve ser oferecido. Cristo, portanto, deve ser o centro do culto, pois Ele é o nosso Salvador. É por meio dEle que Deus nos perdoa e nos aceita. Um culto sem Cristo anunciado é um culto sem esperança de perdão!

Não existe vida cristã sem o exercício da fé em obras, assim Tiago nos ensina: “Portanto, a fé é assim: se não vier acompanhada de ações, é coisa morta” (Tiago 2:17 – NTLH). A Igreja precisa ser convocada à ação em todos os cultos, e devemos considerar a

música como ferramenta para esse convite à prática da fé pela capacidade que a música tem de animar o espírito humano.

Contudo, devo alertar que a música não é onipotente e não deve ser onipresente. Ou seja, a música não deve predominar e substituir os outros elementos indispensáveis do culto, como oração, recitativo bíblico, pregação, palavras de reflexão, exortação etc. também integrantes de cada momento da liturgia.

Se a música é apenas um dos elementos que constituem a liturgia, o músico é, portanto, apenas um dos instrumentos. Ele tem o dever, no exercício de sua instrumentalidade, de levar a Igreja a contemplar, adorar, refletir, alcançar perdão e motivar-se no empenho de uma vida cristã sadia.

O músico não é pastor; portanto, não prega, apenas toca. O músico não é diácono; portanto, não serve a Igreja, apenas toca. O músico não é profeta; portanto, não profetiza, apenas toca. O músico é apenas isto: músico.

É comum no círculo evangélico encontrar músicos com o título de “levitas”. Esses mesmos têm o hábito de fazer pequenas pregações entre músicas. Aí, pergunto: quando foi que um levita fez o papel de sacerdote ou vice-versa? Deixe a pregação para o pregador, o ensino para o mestre, a profecia para o profeta e apenas cante ou toque seu instrumento!

Assim como o instrumento musical precisa estar bem afinado para servir à sua finalidade nas mãos de quem o toca, o músico precisa estar bem afinado, e precisamos entender isso em dois sentidos: 1) bem afinado com Deus e 2) bem afinado em sua capacitação técnica.

O pastor deve ter frequentado o seminário e deve cuidar bem da sua fé para estar em condições de exercer seu ministério. Assim, também, deve ser o músico – zeloso para com a fé e dedicado a uma vida de estudos.

Se até agora você tem seguido seu caminho como músico amador em sua igreja, considere a possibilidade de matricular-se numa escola de música. Não é razoável esperar que a Igreja seja levada a entregar o seu melhor em adoração ao SENHOR quando nós, músicos, não oferecemos o nosso melhor. Pense nisso!

UM CORPO COM VÁRIOS MEMBROS

**“Se o corpo todo fosse olho, como poderíamos ouvir?
E, se o corpo todo fosse ouvido, como poderíamos cheirar?
Assim Deus colocou cada parte diferente do corpo conforme ele quis”.**
1 Coríntios 12:17-18 [NTLH]

Paulo utiliza o corpo humano para ilustrar a dinâmica da Igreja em sua relação com os dons espirituais. Assim como o corpo tem membros diferentes e cada um desempenha funções diferentes, assim também é a Igreja. O músico é apenas um dos membros do corpo. Ele não deve substituir outro membro do corpo que desempenha uma função diferente. E não existe um corpo funcional de apenas um só membro. Corpo só é corpo com todas as diferentes partes funcionando em cooperação. Uma parte complementando a outra, todas unidas para a glória de Deus.

Algumas obras de Picasso são reconhecidas pelos rostos retorcidos. Nariz no lugar da orelha e olho na testa. Esta é a aparência de algumas liturgias. Os elementos são trocados em suas funções, comprometendo a racionalidade do culto.

Algumas músicas servem para contemplação, outras para adoração, outras para motivar a ação, etc. Se o objetivo é a adoração, melhor selecionar cânticos congregacionais. Adoração, dentro de uma liturgia, pressupõe a participação ativa da Igreja. Já a contemplação, ou reflexão, pode ser promovida por meio de um solo vocal ou coral.

Vamos imaginar que o coro da igreja apresente o “Aleluia” de Händel. Apenas posso chamar isso de adoração se for a adoração do coro, porque a Igreja passivamente assiste. Do ponto de vista da Igreja, em nosso modelo de liturgia, o recital pode ser uma oportunidade para contemplação. O “Aleluia” de Händel é uma obra tão sublime que nos eleva, logo imaginamos um coro de anjos cantando nos céus ao redor do trono de Deus. É difícil não começar a concentrar nosso espírito nas coisas divinas. Não só pela beleza da música, porque a letra apresenta Cristo reinando para todo o sempre!

Quando pensar na seleção de músicas ou participações musicais para o culto, considere o papel que cada música deve desempenhar, de acordo com o modelo litúrgico que trabalhamos aqui.

REVENDO CONCEITOS

**“Agir sem pensar não é bom;
quem se apressa erra o caminho”.**
Provérbios 19:2 [NTLH]

Como este trabalho também visa fomentar o debate sobre o assunto entre músicos de igreja, acho válido conduzir o leitor em uma série de assuntos relacionados que julgo importantíssimos. Faço questão de conduzir o leitor por esses temas, porque podemos passar a vida fazendo um monte de coisas sem nunca questionar por que as fazemos. Considere esta ilustração¹ com macacos numa jaula:

Um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula. Bem ao centro, havia uma escada e, sobre ela, um cacho de bananas. Quando um macaco subia na escada para pegar as bananas, um jato de água fria era acionado contra os que estavam no chão.

Depois de certo tempo, quando um macaco ia subir a escada, os outros o pegavam e enchiam-no de pancada. Com mais algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada, apesar da tentação das bananas.

Então os cientistas substituíram um dos macacos por um novo. A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, dela sendo retirado pelos outros, que o surraram. Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo não subia mais a escada.

Um segundo macaco veterano foi substituído e o mesmo ocorreu, tendo o primeiro substituto participado com entusiasmo na surra ao novato. Um terceiro foi trocado e o mesmo ocorreu. Um quarto, e afinal o último dos veteranos foi substituído.

Os cientistas, então, ficaram com um grupo de cinco macacos que mesmo nunca tendo tomado um banho frio continuavam batendo naquele que tentasse pegar as bananas. Se possível fosse perguntar a algum deles porque eles batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria:

- "Não sei, mas as coisas sempre foram assim por aqui".

¹ MACACOS numa Jaula. Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=678>>. Acessado em 16/05/2015

Essa ilustração é interessante porque retrata nosso comportamento em muitas situações em nosso dia a dia. Você já parou para pensar na diferença entre louvor e adoração? Se pedissem a você que definisse os termos “louvor” e “adoração”, você saberia dizer a diferença ou responderia como um dos macacos da experiência de nossa ilustração: não sei, mas as coisas sempre foram assim por aqui?

Este é meu convite. Uma chamada à reflexão sobre algumas questões que simplesmente aceitamos como verdadeiras e corretas sem nunca questionar e pensar por um segundo. Faça isso a partir de agora!

MINISTÉRIO DE MÚSICA

A igreja, como qualquer organização, é guiada por um corpo que chamamos de liderança, que é dividido organicamente em segmentos chamados de ministérios. Cada ministério recebe um nome de acordo com sua função organizacional: ministério pastoral, ministério diaconal, ministério de música etc.

O ministério de música é, portanto, o segmento organizacional da liderança da igreja que cuida da música. O líder desse ministério é o ministro de música, sua função é cuidar de todas as atividades musicais da igreja: coros, orquestras, bandas, solistas etc; ou seja, o ministério de música abarca todas as atividades musicais da igreja!

Abraçando esta definição, concluímos que o melhor nome para este segmento da liderança eclesial é “ministério de música” e não “ministério de louvor” como muitas igrejas escolhem fazer. Por quê? Simples. Um ministério de louvor seria um segmento da estrutura organizacional da igreja responsável apenas pelo louvor e não toda música ou atividade musical da igreja. E vale ressaltar que nem toda música é louvor e nem todo louvor é música!

Uma poesia que exalta o nome do SENHOR recitada durante o culto não é música, mas é um louvor. Uma declaração de reconhecimento das maravilhas que Deus faz é louvor, ainda que não seja musicada. Uma canção utilizada para dar boas vindas a um visitante não se pode enquadrar na categoria de louvor, simplesmente porque a canção não louva; ou seja, não elogia, não enaltece, não exalta o nome de Deus.

É claro que algumas igrejas não comportam essa divisão organizacional em ministérios, são poucos os membros e existem apenas alguns músicos, que desempenham sempre todas as atividades musicais da igreja. Neste caso, podemos chamar o grupo de “equipe de cânticos”, ou “equipe de música”.

MINISTÉRIO DE LOUVOR

Em muitas igrejas, o grupo musical que conduz os cânticos congregacionais é chamado de “ministério de louvor”. Por motivos já mencionados no tópico anterior, a nomenclatura "ministério" deveria ser evitada, principalmente se a igreja mantém outras formas de expressão musical. Se a igreja tem coros, solistas e bandas, um grupo não pode ser considerado ministério sem abarcar os demais. E se apenas um grupo é considerado como ministério, os outros são o quê? E se apenas um determinado grupo é "de louvor", os outros grupos musicais fazem o quê?

Já perdi a conta das vezes que presenciei esta situação: a Igreja acaba de cantar um hino congregacional e, na sequência, o dirigente do culto convida a equipe de louvor. Alguns ainda dizem assim: "vamos agora para o momento de louvor". Como se o que acabou de acontecer não pudesse ser enquadrado na categoria louvor. Quando a Igreja canta um hino que enaltece o nome de Deus, não é louvor? Se é louvor, por que essa equipe deve ter o privilégio de conduzir uma espécie de louvor exclusivo?

A situação ainda piora quando empregam o termo "adoração" no lugar de louvor ou, ainda, quando chamam a equipe de "louvor e adoração". Aí complica mesmo, porque louvor e adoração praticamente abarcam todos os momentos da liturgia e da própria prática diária da vida cristã.

São Francisco de Assis disse: "pregue o evangelho em todo o tempo. Se necessário, use palavras". O que ele quis dizer com isso senão que o principal meio de pregação do evangelho são nossas atitudes diárias? Assim é, também, a vida do cristão no que diz respeito à adoração. Segundo a recomendação do apóstolo Paulo, nossa vida cristã cotidiana deveria ser uma vida de louvor e adoração: "Portanto, quando vocês comem, ou bebem, ou fazem qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus" (1Coríntios 10:31 - NTLH).

Louvor e adoração, para uma boa parcela de evangélicos, resumem-se a cantar. Isso não é verdade, e vamos refletir melhor sobre isso no próximo tópico.

Antes de considerar o assunto como encerrado, gostaria de frisar que esse grupo que conduz a Igreja nos cânticos congregacionais deveria ser chamado de "equipe de cânticos" ou um termo similar. Uma equipe de louvor deveria ser, pela simples definição de termos, uma equipe especializada em louvar; ou seja, não estaria limitada à forma de louvor musical, porque há outras formas de louvar. Por exemplo, um grupo reunido para fazer um jogral que enaltece nosso Deus enquadra-se na definição dos termos "equipe" e "louvor".

Um bom começo para o músico que deseja saber qual o seu papel na liturgia é entender, já de início, onde está inserido dentro do esquema organizacional da igreja.

LOUVOR OU ADORAÇÃO

Se pegarmos uma definição de dicionário, entenderemos que louvor é o mesmo que elogio, glorificação ou apologia. Louvar é, então, elogiar, glorificar ou fazer a apologia de alguém com respeito às suas qualidades.

Podemos, portanto, dizer que o Hino Nacional é um louvor ao país. Na letra do hino encontramos palavras de elogio concernentes aos aspectos naturais da nação, como a exaltação das riquezas de nossa fauna e flora; ou a apologia às qualidades de seu povo: "o brado retumbante de um povo heroico" ou "...consequimos conquistar com braço forte". Quando Manuel Bandeira elogia as mulheres em seus poemas, podemos dizer que encontramos, em sua obra, um louvor às mulheres. A pintura no teto da Capela Sistina, obra Michelangelo, é um louvor à Criação, inspirada no livro de Gênesis.

Como podemos facilmente perceber, o louvor pode ser produzido por quaisquer meios de arte ou expressão humana. O louvor pode ser expresso por meio de simples palavras, sem nenhum valor artístico, em forma de poesia, música ou artes plásticas. O louvor não é exclusividade da música.

E o que é adoração? Será o mesmo que louvor?

Adoração é o culto prestado à divindade. Quando algo é feito para honrar a divindade, é feito em nome da divindade ou dedicado à divindade, temos a adoração. Louvor é, portanto, uma forma de adoração, mas podemos adorar a Deus quando ofertamos, oramos, dedicamos o nosso tempo ao estudo da Palavra de Deus etc.

Adoração é a dedicação a Deus na qual o louvor é parte integrante. Louvar é, pois, uma das formas de adoração.

Os levitas no Antigo Testamento cuidavam do Templo como parte do serviço de adoração atribuído a eles. Queria ver os "levitas" de hoje adorando a Deus lavando os banheiros da igreja...

Louvor e adoração fazem parte do dia a dia da vida cristã de muitas formas. Não podem ser a exclusividade de um dos ministérios da igreja, uma vez que todos os ministérios, na diversidade de suas tarefas, em última análise, rendem louvor e adoração a Deus por meio de suas atividades ministeriais; e não devem ser também da exclusividade de alguns indivíduos, pois louvar ou adorar é dever de todo crente.

PARA REFLETIR

**“Os pensamentos de uma pessoa são como água em poço fundo,
mas quem é inteligente sabe como tirá-los para fora”.**

Provérbios 20:5 [NTLH]

Já trabalhamos o significado do termo liturgia e discorremos sobre sua importância. Definimos, também, alguns termos, comumente empregados no cenário evangélico, que podem significar algo muito diferente do entendimento que podemos chamar de “senso comum”. Gostaria de prosseguir com o leitor numa série de reflexões sobre a música e o músico na liturgia. Cada assunto deve ser lido como um convite à ponderação, julgando se os argumentos são realmente válidos. Lembre-se que são opiniões e não textos normativos. Seguindo a recomendação do apóstolo Paulo: “Examinem tudo, fiquem com o que é bom” (1 Tessalonicenses 5:21 – NTLH).

OUVIDO CEGO E OLHO SURDO

O apóstolo Paulo fala da Igreja como um corpo, que tem muitos membros, mas cada um tem uma função diferente para desempenhar no corpo. Não é possível uma parte do corpo substituir outra. A orelha não pode enxergar, e o olho não pode ouvir. Se trocarmos os membros e as funções, temos um corpo deficiente. Um corpo perfeito requer que cada parte desempenhe o papel para o qual foi projetado.

O que podemos aprender com essa alegoria? Cada crente recebe de Deus um dom para contribuir com a edificação do corpo, a Igreja. Quem não tem o dom da música não deve insistir nisso.

Se uma orelha insiste em enxergar, acabamos com duas deficiências no corpo. A orelha não poderá fazer o corpo enxergar, porque é orelha e não olho, e deixará de desempenhar sua verdadeira função, que é ouvir, privando o corpo da audição.

Assim é o irmão que deixa de exercer sua verdadeira vocação para insistir com a música sem ter esse dom. Geralmente, quem não tem o dom não tem dedicação técnica, o que

diminui suas chances de contribuição significativa no ministério de música. Ele deixa de fazer o que deveria, por vocação, e não consegue fazer direito o que está teimando.

Quem escolhe seguir este caminho de teimosia está sendo negligente com o talento que recebeu. Quando seu senhor voltar, encontrará um talento negligenciado, sem ter sido desenvolvido, e outro talento muito mal-empregado que, em vez de produzir lucro, gera prejuízo na forma de desafinação, desarmonia, descompasso etc. Pense nisso! (Mateus 25:14-30)

A música em nosso cenário cultural tem certo glamour. Cantores têm status de celebridades como as do cinema e televisão. A produção artística dos cantores evangélicos, por entidades comerciais que visam o lucro, criou uma imagem distorcida do músico em sua atividade na Igreja. Acho que vale a pena pensar um pouco sobre a música evangélica como arte e como elemento litúrgico em nosso próximo tópico de reflexão.

MÚSICA EVANGÉLICA, ARTE E CULTURA OU ELEMENTO LITÚRGICO?

Em uma definição elementar, a arte é uma atividade humana que visa expressar um ideal estético. Quando o veículo dessa expressão é o som, temos o que chamamos de música.

Cultura é o conjunto de conhecimentos adquiridos que contribuem para a formação do indivíduo como integrante de um grupo social, comunidade ou nacionalidade/etnia. Cultura é, também, o conjunto de obras que formam a herança de uma comunidade ou grupo de comunidades.

O cristão não está, nem pode estar, desligado de sua própria cultura. Os personagens bíblicos que admiramos têm cultura bem definida, e nosso criativo João Alexandre, digo nosso porque ele faz parte da nossa cultura evangélica, compôs uma canção criativa na qual descreve a bem-humorada hipótese de uma história bíblica de verde e amarelo. Recomendo uma pausa na leitura para ouvir João Alexandre interpretando sua música: João brasileiro.

Todo brasileiro tem sua cultura brasileira, a cultura de sua comunidade e grupo social. Além dessas, em comum com qualquer outro brasileiro, o cristão tem sua cultura evangélica, a cultura de seu grupo sócio religioso.

A música é, portanto, arte e também elemento integrante da herança cultural. A música evangélica é, em certo aspecto, arte e herança cultural que compõem o que podemos chamar de cultura cristã.

Como expressão da cultura cristã, a música evangélica pode ser produzida e promovida como expressão puramente artística e cultural, sem qualquer atribuição litúrgica envolvida em sua produção.

A música evangélica, sob o aspecto cultural e artístico, pode assumir a forma de espetáculo (um show gospel), com arrecadação de bilheteria e pagamento de cachê. A abertura ou fechamento do espetáculo gospel pode ter pirotecnia, shows acrobáticos e o que mais a criatividade e megalomania de alguns permitirem; mas, nada disso pode encontrar lugar na liturgia! Show é show, culto é culto.

O objetivo do artista gospel é oferecer entretenimento à sua plateia, "tudo" vale. O objetivo do músico no culto é conduzir a Igreja, ou melhor, acompanhar a Igreja com adornos musicais (instrumentação e harmonização) das expressões de louvor e adoração da igreja na forma musicada. A música no culto, como já analisamos, pode ser utilizada também como convite à reflexão ou motivo de contemplação; mas nunca deve assumir a função de entretenimento na liturgia.

Quando a música vira entretenimento? Não sei responder isso como quem oferece uma receita de bolo. Mas, aventuro-me a dizer o seguinte: sempre que a música desvirtua o objetivo de levar a Igreja ao estado de contemplação, reflexão ou adoração, corremos o risco de transformar a música da liturgia em simples entretenimento. Quando a música retira Deus do centro da reflexão, da contemplação ou adoração e centraliza-se no homem, a música perde o seu caráter como elemento litúrgico.

Muitas músicas que cantamos em nossas igrejas hoje são antropocêntricas, são centradas no homem e em suas necessidades. Essas músicas estão mais para um hino de autoajuda do que hino de louvor a Deus. A música que você gosta de cantar na igreja é um hino de louvor a Deus ou louvor ao homem? Ainda que se fale do poder de Deus ou amor de Deus na letra da música, analise a letra e veja se não há a exposição do poder e amor de Deus de forma utilitária, como se fossem instrumentos para alcançar a satisfação humana.

Para julgar uma música como adequada para o contexto litúrgico, dependemos de uma coisa chamada: bom senso. Você pode fazer as três perguntas abaixo para auxiliar o seu bom senso quando escolher o repertório para o culto:

1. Qual é o contexto da música, show ou liturgia?
2. Qual é a teologia da música?
3. Qual é a função da música na liturgia?

Acredito já ter respondido à terceira pergunta no início da leitura. A música pode assumir as funções de reflexão, contemplação ou adoração na liturgia. Na escolha de um repertório para o culto, o músico deve atentar para o momento da liturgia na qual a música será executada, para ser adequada à proposta. Há músicas mais adequadas para uma reflexão

e outras mais convidativas para a adoração congregacional, com participação da Igreja. Vamos analisar mais detalhadamente as duas primeiras perguntas.

QUAL É O CONTEXTO DA MÚSICA, SHOW OU LITURGIA?

A música que toca no rádio é aquela do CD. A música do CD é uma obra idealizada e produzida com o fim de figurar como trabalho artístico. A música do CD é a música do show, compartilham do mesmo objetivo: entretenimento. Um é o espírito de quem ouve um CD gospel para dirigir, trabalhar, arrumar a casa ou simplesmente “curtir” a música por pura apreciação estética; outro é o espírito de quem está participando de uma liturgia, do culto na Igreja.

Músicos, por conta do amadorismo, da necessidade de tirar a música de ouvido a partir de uma gravação, acabam copiando a música do CD para reproduzir no ambiente de culto. Há também certa ignorância – não entenda “ignorância” no sentido pejorativo, emprego o termo para dizer que o músico “ignora” um fato ou conhecimento. O músico deveria entender que o CD e a liturgia têm propostas diferentes. Mas qual é o problema em tocar igualzinho ao CD no culto? A resposta é simples.

Um CD, como trabalho artístico, contempla a apreciação estética do ouvinte. A introdução de uma música, por exemplo, pode ser longa e complexa. Um solo de guitarra, no meio da música, pode ser mais longo que a parte cantada. Sem problemas. E no culto? Faz sentido a Igreja ficar meia hora ouvindo você arrasar no solinho de guitarra?

Na música do CD, temos uma ponte para mudar de tom, geralmente subimos o tom da música para valorizar o brilho vocal do coro ou do cantor principal. É um recurso puramente estético da música para uma produção artística em CD ou show. E no culto? A Igreja fica em silêncio, esperando o momento de voltar a participar no que deveria ser uma atividade congregacional (ou seja, a participação de toda a Igreja), assistindo a uma “peripécia musical” que geralmente resulta em desafinação na hora de trocar o tom da música. Nem a Igreja e (às vezes!) nem o grupo musical consegue voltar no tom. Para que serve isso?

Minha recomendação, portanto, é fazer sempre o mínimo necessário para a execução das músicas no culto quando tem o caráter congregacional. Podemos ter um solo mais longo e elaborado noutro momento do culto. Um solista pode aventurar-se a fazer uma troca de tom para valorizar o seu solo; afinal, o objetivo geralmente é o de propor uma reflexão ou contemplação. Esse tipo de valor estético pode ser explorado no culto em certos momentos, mas não acho isso adequado para o cântico congregacional.

QUAL É A TEOLOGIA DA MÚSICA?

Proponho um desafio: encontre um Salmo sem teologia! Toda música tocada na igreja deveria ser como um Salmo, carregada de teologia – de boa teologia! Mas essa não é a realidade. Temos muitas músicas com teologia pobre ou, simplesmente, sem teologia. Há ainda aquelas, que são as piores, com teologia ruim.

A música de teologia ruim, contrária ao ensinamento bíblico, deveria ser excluída do repertório. Música com teologia pobre ou até sem teologia deveria ser evitada, ainda que se possa encontrar alguma utilidade. Se a música não instrui ou não agrega valor, substitua por uma melhor.

Se você nunca estudou teologia para ter condições de julgar as músicas por esse aspecto, procure a orientação de seu pastor ou educador religioso. Não ignore essa faceta da música na liturgia. Cantamos o que cremos e acabamos crendo no que cantamos também. Tenha o cuidado de não fazer de uma música com teologia ruim o seu mantra, moldando sua maneira de entender Deus e a Bíblia.

EXCELÊNCIA NÃO PODE VIRAR EXIBICIONISMO

Se adoração pode ser tudo aquilo que fazemos em dedicação a Deus, a atividade do músico na igreja é, em si mesma, uma adoração, independente do teor da letra da música.

Em algumas passagens bíblicas, Deus apresenta suas exigências e deixa claro que não gosta de receber adoração sem excelência. Seguem alguns textos para refletir:

“O tempo passou. Um dia Caim pegou alguns produtos da terra e os ofereceu a Deus, o SENHOR. Abel, por sua vez, pegou o primeiro carneirinho nascido no seu rebanho, matou-o e ofereceu as melhores partes ao SENHOR. O SENHOR ficou contente com Abel e com a sua oferta, mas rejeitou Caim e a sua oferta. Caim ficou furioso e fechou a cara” (Gênesis 4:3-5 – NTLH).

Há muitas interpretações para explicar por que Deus teria rejeitado a oferta de Caim, mas gosto de olhar para o texto com o contraste que há entre a apresentação da oferta de Abel, depois de mencionar que Caim pegou “alguns produtos” da terra. Parece que o autor do texto pretende mostrar que Caim não se importou com a qualidade de sua oferta, ofereceu “alguns produtos”. Abel ofereceu o primeiro carneirinho, uma oferta das primícias. E ainda enfatiza que, dessa oferta das suas primícias, ele ofereceu as melhores partes.

O autor de Hebreus apresenta a fé como a resposta (Hebreus 11:4). Concordo que a fé seja o centro da resposta; mas, na periferia, posso ver a questão das primícias, uma vez que a

fé sempre se traduz em atitude de igual valor. Fé e atitude são correspondentes, por isso Tiago diz que a fé sem ações é morta (Tiago 2:17).

“Não ofereçam ao SENHOR um animal cego, ou aleijado, ou defeituoso; ou um animal que tenha úlceras, sarna ou outras doenças da pele. Um animal nessas condições não deverá ser apresentado ao SENHOR como oferta de alimento.” (Levíticos 22:22 – NTLH).

“Maldito seja o mentiroso que me promete um animal perfeito do seu rebanho, mas oferece em sacrifício um animal defeituoso! Eu sou o Rei poderoso, e todas as nações me honram. Eu, o SENHOR Todo-Poderoso, estou falando” (Malaquias 1:14 – NTLH)

Deus é o criador do universo, é provedor, é o autor de sua salvação, é aquele que ama e cuida de você. Ele é fiel a você independente da sua fidelidade para com Ele (2Timóteo 2:13). Ofereceu a você o que tinha de mais preciso, seu Filho. O que mais Ele não nos ofereceria? (Romanos 8:32) E você? O que você tem oferecido a Ele como músico no culto em adoração? Há dedicação suficiente para entregar a Ele o seu melhor?

Não ouse vir com aquela baboseira de "espírito quebrantado" fazendo de conta que não sabe que sua falta de dedicação técnica é reflexo da pouca importância que dá a Deus! Dedicamo-nos àquilo que valorizamos.

Quem gosta de citar Davi para escapar da cobrança por dedicação técnica, achando que tudo se resume a ser segundo o coração de Deus e ter um coração quebrantado, ignora que Davi não oferecia a Deus aquilo que não lhe custasse nada (2Samuel 24:24). O montante de capital deixado por ele para a construção do templo foi uma verdadeira fortuna (1Crônicas 22:1-19), e seu legado intelectual foi um "hinário para o culto judaico", o livro de Salmos de nossa Bíblia, além de fazer alguns instrumentos musicais dedicados à solenidade de culto (1Crônicas 23:5 e 2Crônicas 7:6). A tradição judaica assim reconhece: “Moisés deu aos israelitas os 5 livros da Lei e, correspondendo a esses, Davi deu-lhes os 5 livros dos Salmos”. Detalhes insignificantes... não é?

A dedicação do músico para alcançar excelência em sua atividade na igreja é importante. O músico deve, a cada dia, esforçar-se para tocar ou cantar melhor. Contudo, essa excelência a ser alcançada não pode virar motivo de orgulho, vaidade, exibicionismo. O músico, no ambiente de culto, não é um artista a ser apreciado por sua técnica. Todo músico de igreja deveria ser um João Batista - é preciso que Cristo cresça e o músico diminua. Se o músico quiser encontrar um motivo para se alegrar, escolha orgulhar-se em conseguir desenvolver sua atividade sem ser notado!

João Batista não buscou honra para si mesmo. Ele não desejou ser o centro das atenções. Não hesitava em apontar seu dedo para Cristo e dizer: Olhem para Ele! O meu papel é apontar para Ele! Assim deve ser a atitude do músico no culto. Tudo quanto fizer com sua arte, com seu dom para a música, deve apontar para Cristo, levando a Igreja a contemplar a beleza do Cordeiro de Deus.

A música é uma arte vaidosa. E, como o ser humano foi criado para apreciar o belo, é difícil exercer a atividade com excelência sem chamar a atenção. A virtude do seu esforço, como músico, não está em ter sua excelência admirada, mas sim em ter participado do louvor e a adoração da Igreja sem ter roubado a cena.

Considere o que Jesus nos ensina em Mateus 6:1-7:

“— Tenham o cuidado de não praticarem os seus deveres religiosos em público a fim de serem vistos pelos outros. Se vocês agirem assim, não receberão nenhuma recompensa do Pai de vocês, que está no céu.

— Quando você der alguma coisa a uma pessoa necessitada, não fique contando o que fez, como os hipócritas fazem nas sinagogas e nas ruas. Eles fazem isso para serem elogiados pelos outros. Eu afirmo a vocês que isto é verdade: eles já receberam a sua recompensa. Mas você, quando ajudar alguma pessoa necessitada, faça isso de tal modo que nem mesmo o seu amigo mais íntimo fique sabendo do que você fez. Isso deve ficar em segredo; e o seu Pai, que vê o que você faz em segredo, lhe dará a recompensa.

— Quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas para serem vistos pelos outros. Eu afirmo a vocês que isto é verdade: eles já receberam a sua recompensa. Mas você, quando orar, vá para o seu quarto, feche a porta e ore ao seu Pai, que não pode ser visto. E o seu Pai, que vê o que você faz em segredo, lhe dará a recompensa.

— Nas suas orações, não fiquem repetindo o que vocês já disseram, como fazem os pagãos. Eles pensam que Deus os ouvirá porque fazem orações compridas.”

Se nem mesmo a oração deve ser feita de forma a ser vista pelos outros, o que faz você pensar que sua atividade como músico no culto não deveria seguir a mesma regra? Pense nisso!

ATIRE A PRIMEIRA BAQUETA QUEM NUNCA IMPROVISOU

Todo bom músico é perfeccionista. O aprendizado requer disciplina e paciência. Se não houvesse uma exigência mínima de perfeccionismo na atividade musical, não seria necessário insistir numa técnica para alcançar certo resultado. Uma coisa leva à outra. Qual o sentido de insistir na afinação se o cantor pode ser desafinado? O que faria o músico insistir na afinação senão seu perfeccionismo? E os únicos meios que o perfeccionista tem para alcançar os resultados esperados são a disciplina e a paciência.

Embora o ideal do bom músico seja o perfeccionismo, ele precisa aprender a conviver com um desempenho pouco elevado no dia a dia da música na igreja. As dificuldades são muitas: falta de tempo para ensaio consistente (com horas de dedicação), falta de entrosamento entre os músicos, grupo formado por integrantes desnivelados tecnicamente etc. Há também aquelas surpresas do culto quando um irmãozinho, sem combinar nada, puxa um corinho no gogó.

O que quero dizer é que o improviso faz parte do dia a dia do músico de igreja, mas isso não pode virar regra. Eu defendo uma atividade musical comprometida com a excelência, pois estamos ali para louvar o Rei da glória! Assim, o músico precisa de dedicação individual, para desenvolver a sua parte, e precisa dedicar tempo para o coletivo: o ensaio.

Quero fazer uma pausa na reflexão, que é a proposta deste livro, para dar algumas dicas práticas sobre ensaio:

1. Trabalhe individualmente a sua parte antes de participar do ensaio. Seus colegas não estão abrindo mão do tempo útil deles para ver você estudar! Compareça ao ensaio com sua parte pronta, muito bem estudada.

2. Ensaio é ensaio! Desculpe-me se você for um daqueles “supercrentes”. Ensaio não é momento de intercessão interminável, maratona de oração, momento de confraternização para contar anedota gospel, nem ocasião para compartilhar aquela devocional do Salmo 119. A oração para abrir o ensaio deve ser objetiva, e a oração para fechar o ensaio pode ser um pouco mais longa para agradecimento e alguma intercessão por alguém do grupo que esteja necessitado de algo. Confraternização, devocional e estudo bíblico dirigido à atividade do grupo devem ocupar lugar somente em ocasiões especiais, reservadas para esse fim.

3. Cantores não têm a mesma paciência dos músicos. Não agende ensaio no mesmo horário. Os cantores podem chegar mais tarde quando o instrumental estiver pronto para receber as vozes. Acredite, assim rende mais! Até as grandes orquestras procedem desta forma: ensaiam os músicos primeiro e depois adicionam os coristas ou solistas.

4. Crie um repertório. Todo músico ou banda tem seu repertório, que será repetido e batido por longo tempo. Tocar música nova em todo culto é tarefa hercúlea e pouco produtiva. Trabalhe um repertório que permita certa rotatividade dos cânticos, sem muita repetição em um período de duas ou três semanas e, aos poucos, renove o repertório – substituindo uma música por vez.

5. Quando achar que a música ficou pronta, grave para reprodução e análise crítica do resultado ainda no mesmo ensaio. Sua percepção pode mudar muito entre o que você

consegue perceber enquanto está tocando e o que consegue perceber quando não está tocando, apenas ouvindo o resultado gravado.

“Se você deixa o machado perder o corte e não o afia, terá de trabalhar muito mais. É mais inteligente planejar antes de agir.” Eclesiastes 10:10 [NTLH]

UMA COLCHA DE RETALHOS

O ápice do culto é a pregação. Em um culto cristocêntrico, como deve ser, podemos ter Cristo anunciado no louvor, nas orações, nas citações etc; mas nada substitui a pregação, principalmente se for pregação do tipo expositiva. Nesse tipo de pregação, a própria Bíblia é que fala à Igreja. Nem mesmo a citação bíblica tem a mesma “importância”, porque a citação, por simples definição, apenas cita. Em uma pregação expositiva, o pregador apresenta o texto, trabalha sua hermenêutica, acrescenta ilustrações e exemplificações que, com base no contexto da exposição, facilitam a aplicação do ensino bíblico no dia a dia da vida cristã – é extremamente didático. Mas, acima do didatismo, está a Bíblia aberta - é Deus quem fala. Ainda que venha pela instrumentalidade do pregador, o que temos é o “assim diz o SENHOR”!

Tudo deveria girar em torno da pregação. Os hinos e cânticos selecionados para o culto deveriam conduzir, tematicamente, a Igreja ao momento da Palavra. Como uma preparação de terreno para que a semente seja semeada em solo já trabalhado.

Não faça do culto uma colcha de retalhos. Evite os remendos, inspire-se numa túnica inconsútil – como aquela de Cristo. Se a temática da pregação será o “perdão”, o repertório deverá contemplar canções que falam sobre “perdão”. Se a pregação abordará o “amor de Deus”, os cânticos necessitarão também falar do “amor de Deus”.

E vale deixar uma boa dica sobre uma situação que poucos dão atenção. Se houver uma canção antes da pregação, que seja uma música calma para “desacelerar” a Igreja, preparando-a para a mensagem. Se cantar um corinho, ou uma música muito agitada, como “Videira” (CLARO, Cláudio, 19??), será um desastre. Uma música assim, agitada, entregará ao pregador uma “plateia” inquieta e dispersa. É preciso criar um ambiente propício para reflexão. Pense nisso!

UNÇÃO OU CATARSE?

“Você sente o que lê?” Essa parece ser a pergunta que Felipe faria hoje se encontrasse alguém lendo o livro de Isaías. Enquanto a modernidade valorizava a racionalidade humana, a pós-modernidade, o período que vivemos hoje, valoriza as emoções. As pessoas não querem ir à igreja para refletir e pensar, elas querem ir à igreja para ter emoções. O carro-chefe de nossa cultura evangélica hodierna deveria ser: “se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi!” (CARLOS, Erasmo; CARLOS, Roberto, 1981). Precisamos encontrar um equilíbrio entre a razão e a emoção no culto. O homem é feito de razão e emoção, há espaço para as duas coisas. Devemos evitar, a todo custo, o desequilíbrio.

Os efeitos da música no comportamento humano são conhecidos de longa data. Muitas pesquisas buscam validar cientificamente esse fenômeno. A musicoterapia, por exemplo, tem sido praticada como medicina alternativa em muitos países. A revista Superinteressante publicou uma matéria sobre a “ciência de viver bem”, e uma nota sobre a música é pertinente neste momento:

“Não se culpe se você é daqueles que passam o dia todo com um fone de ouvido cantarolando por aí. A música tem efeitos muito benéficos para a saúde física e mental. Já não é de hoje que os cientistas vêm estudando o fenômeno. Entre outras coisas, a música pode acalmar, estimular a criatividade e a concentração, além de ajudar na cura de uma porção de doenças.

Em 1999, uma pesquisa feita no Instituto de Psicologia da USP mostrou que crianças hiperativas conseguem atingir um grau de concentração muito maior se estiverem ouvindo música [...].

Pois essa é uma bela resposta aos pais que implicam quando o filho estuda curtindo um som. Que o digam aqueles que aprenderam música desde pequenos. Pesquisas canadenses provaram que crianças que estudam música precocemente têm desenvolvimento intelectual melhor do que as que não tiveram nenhum contato com ela.

A música é capaz de mudar a frequência das ondas cerebrais. Já foi provado, por exemplo, que clássicos de compositores como Bach, Beethoven e Mozart deixam as ondas cerebrais com o mesmo comportamento, ou seja, com o mesmo potencial elétrico, de um indivíduo em repouso’, afirma Luiz Celso Vilanova, médico neurologista, professor da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). ‘Esse estado é chamado ritmo alfa e ocorre quando a pessoa está muito relaxada ou não está pensando em nada, como em algumas meditações.’

Entre os clássicos citados, o austríaco Wolfgang Amadeus Mozart merece um destaque na sua discografia. O poder do compositor vem sendo alvo de diversas pesquisas. A Universidade da Califórnia em Los Angeles mostrou, no início da década de 1990, que a execução da Sonata para Dois Pianos em Ré Maior aumenta o número de conexões dos neurônios e melhora o raciocínio matemático em estudantes.

Uma vez que nosso organismo também tem um ritmo interno, ao entrar por nossos ouvidos, a música faz contato com este ritmo, interagindo com as atividades biológicas do nosso corpo. É assim que trabalha a musicoterapia, muito aplicada – e com

bons resultados – no tratamento de pacientes com mal de Alzheimer, epilepsia, esquizofrenia e depressão, entre outras doenças. ‘Não existem indicações que comprovem que a música tenha o poder de curar alguém. Mas podemos dizer que ela está diretamente associada à promoção da saúde’, afirma Luiz Celso. Isso significa que ainda não é possível prescrever um Mozart em jejum ou duas doses de Beethoven após as refeições. Feita essa ressalva, é certo que eles podem, sim, trabalhar na prevenção de uma doença que virou epidemia nos dias de hoje: estresse. Até porque está mais do que provado que música relaxa – e muito.”²

Além dos aspectos abordados sucintamente na matéria citada acima, no livro “Musique Intelligence et Personnalité”, Nghiem Minh Dung fala da influência da música na inteligência e personalidade. E muitos outros livros têm sido publicados com a mesma temática.

Proponho um teste simples: quem vai para academia e coloca música clássica para malhar? Ninguém. A música eletrônica, ou “Techno”, é a mais recomendada porque sua pulsação rítmica (marcante) produz uma cadência rítmica adequada para a atividade física. A pulsação rítmica da música marca o passo da corrida na esteira ou qualquer série de exercícios.

Conhecendo os efeitos que a música tem sobre as pessoas, devemos ter o cuidado na seleção do repertório para a liturgia. Há músicas que só causam respostas emocionais nos ouvintes, isso deveria ser evitado; é preciso ter conteúdo. Utilizar uma música melancólica para causar no ouvinte uma comoção é prática de charlatanismo. As armadilhas psicológicas devem ficar de fora, quem deve agir é o Espírito Santo! Somente o seu agir produz uma experiência religiosa autêntica, frutos verdadeiros de arrependimento – como clamava João Batista – e não uma resposta emocional falsa e fabricada pela música.

AS FUNÇÕES DAS PALMAS

A música na liturgia pode assumir duas funções: acompanhamento rítmico e empatia. Quando os aplausos compõem uma cadência rítmica para acompanhar uma música, as palmas assumem a função de percussão na música. É uma manifestação participativa e natural da Igreja.

O aplauso de empatia deve ser analisado com cuidado. As palmas podem significar a aceitação de um discurso, ou agradecimento por um trabalho realizado. Um renomado pregador pode receber aplausos da Igreja como um sinal de aceitação de sua palavra e

² Superinteressante, A ciência de viver bem, texto de Mariana Sgarioni. Edição Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/ciencia-viver-bem-446191.shtml>>. Acessado em: 11/05/2015.

agradecimento por sua dedicação e por ter abençoado a Igreja com uma bela mensagem. Um grupo musical pode receber aplausos como empatia da Igreja, como quem diz: obrigado por elevar nosso espírito em adoração a Deus de forma tão sublime.

O problema é que o aplauso pode alimentar a vaidade de quem recebe. Nem todos, na condução do culto, estão prontos para ouvir aplausos sem cair no complexo de Lúcifer. E, muitas vezes, a própria Igreja passa a se comportar como plateia. Isso deve ser evitado, porque culto não é espetáculo, igreja não é plateia, e pregadores e cantores não são estrelas.

Deus criou todas as coisas para a sua glória, e não podemos concluir que tenha sido diferente com o tabernáculo. Quando Deus ordenou a construção do tabernáculo por intermédio de Moisés, o objetivo era construir um local dedicado à Sua adoração e glória. Sabemos que Deus é glorificado no Filho e todos os elementos constitutivos do tabernáculo, tanto os utensílios quanto a liturgia, apontavam para Cristo. Hoje não pode ser diferente. Todos os elementos que compõem o culto que prestamos a Deus devem ter esse valor cristocêntrico, a começar pela pregação. Quero destacar o elemento pregação, porque algumas pessoas se enganam quando acham que o sermão deveria estar focado nelas e em suas necessidades.

Já ouvi por aí alguém afirmar que tudo no culto é para Deus com exceção da pregação; pois, sendo o sermão evangelístico ou doutrinário, estará sempre focado nos não-convertidos ou membros da igreja. Não é bem por aí! A pregação tem o único objetivo de fazer Cristo brilhar intensamente, nossa conversão ou edificação é consequência disso, não o objetivo.

Um solo musical ou peça teatral para nada de bom servirá se não apontar para Cristo; da mesma forma que um sermão antropocêntrico perde completamente o seu objetivo, valor e poder. O culto, portanto, deve ser cristocêntrico em tudo, tal como era no tabernáculo nos dias de Moisés, no templo de Salomão e em toda a Bíblia.

Se você consegue ver a importância de manter um culto sempre cristocêntrico, nos mínimos elementos que o constitui, por que bater palmas no fim de alguns momentos do culto como se o que foi oferecido ao Senhor tivesse sido endereçado a você para o seu entretenimento?

Por favor, não venha com aquela clássica desculpa dizendo que as palmas são para Jesus, porque os decibéis do aplauso estão sempre na mesma intensidade das emoções da plateia! Por acaso Jesus só merece suas palmas quando o cantor é bom e a peça teatral digna do showbiz? O aplauso é um claro termômetro de empatia da igreja comportando-se como plateia. E isso é bem complicado!

O ROCK DO DIABO E OUTROS RITMOS BRASILEIROS

Thomas Edson sempre foi reconhecido como o maior inventor da história com suas 3.847 patentes; mas essa marca deve estar longe das façanhas do diabo. Às vezes, temo que sua fama supere a do Criador em certos círculos evangélicos diante de tanto reconhecimento que o chifrudo gratuitamente recebe.

Já ouvi falar que certa bebida tem em seu rótulo a mensagem "alô diabo"; determinado chinelo, muito popular no Brasil, era a lambreta de Satanás; um tipo de macarrão instantâneo era maligno, porque seu formato reproduzia as serpentes enroscadas da cabeça da Medusa, da mitologia grega - para o assustado crente, mais um demônio. A praia é do diabo, a novela é do diabo, tudo é do diabo! Se até mesmo uma tradução bíblica pode ser do diabo porque tem o português simplificado, imagine o que falam do rock 'n' roll? Do diabo, é claro!

Sem querer entrar numa briga para defender o direito de propriedade intelectual do diabo nessas coisas, fico com o apóstolo Paulo, quando fala das coisas sacrificadas a ídolos: "...sabemos que um ídolo representa alguma coisa que realmente não existe. E sabemos que existe somente um Deus" (1Coríntios 8:4 - NTLH). Os evangélicos têm esse péssimo hábito de demonizar tudo, e precisamos parar com isso. Paulo disse que as coisas não são impuras em si mesmas (Romanos 14:14), mas há certa condição inconveniente no uso de algumas coisas que precisamos dar a devida atenção (1Coríntios 6:12).

Antes de demonizar um ritmo popular brasileiro, considere a origem de alguns hinos tradicionais do protestantismo que você alegremente canta sem ter questionado, uma única vez, suas origens. São músicas folclóricas de diversos países, melodias de compositores eruditos, como Mozart e Beethoven, além de alguns estilos musicais bem populares na época que foram compostos.

Se a melodia de uma música popular recebe nova letra para o emprego litúrgico, não deveríamos nos sentir escandalizados, uma vez que isso já não é, e nunca foi, novidade. Se deixarmos o emprego de nova letra em melodia famosa de lado e considerarmos apenas o emprego de estilo musical (o ritmo), ainda que a melodia seja totalmente nova, o emprego de ritmo popular na música sacra permanecerá como prática bem comum. Um estilo musical originalmente sacro é coisa rara. O que geralmente temos é a assimilação da cultura secular no ambiente religioso.

O mesmo pode ser verificado a respeito do emprego de certos instrumentos musicais. Houve um período do protestantismo brasileiro no qual a bateria, o piano e o violão e a guitarra eram instrumentos profanos. Naquela época, não se imaginava que esses instrumentos seriam a base da música sacra no futuro.

Precisamos admitir que certos aspectos culturais mudam com o tempo. Coisas que ficaram no passado e hoje julgamos um absurdo. Crentes que sofreram exclusão porque frequentaram a praia. O jovem excluído porque foi visto na fila do cinema; e a irmã, porque foi flagrada andando de bicicleta! Um estilo musical que não encontrava lugar na liturgia no passado pode fazer parte de todo culto no século XXI. E amanhã, o que será permitido?

Bem, não dá para adivinhar. Pode ser que alguns elementos culturais nunca encontrem lugar no culto, e talvez não devam mesmo! O que sei realmente é que o presente não pode ser regulado pelo passado e muito menos pelo futuro. Ninguém pensa em proibir o piano no culto hoje porque um dia somente o órgão era aceito como instrumento sacro. E ninguém pode se atrever a dizer que algo deveria ser aceito hoje com base numa possível aceitação no futuro. Se for aceito, será aceito apenas no tempo futuro. Enquanto vivemos o hoje, aguardaremos com expectativa as mudanças do amanhã respeitando as limitações do presente.

Novamente, sou obrigado a observar a recomendação paulina de não usar da minha liberdade para escandalizar o meu irmão. Não estamos aqui para servir de tropeço. O que isso significa? Bem, enquanto um determinado ritmo musical ainda for um "tabu" em minha comunidade de fiéis, devo evitar esse ritmo para não causar escândalo. “Mas tenham cuidado para que essa liberdade de vocês não faça com que os fracos na fé caiam em pecado” (1Coríntios 8:9).

Alguns estilos estão carregados de uma identidade difícil de ignorar. Fazemos uma associação imediata da música com determinado comportamento, ideologia, ambiente e cultura. Precisamos tomar cuidado com essas atribuições, porque podem ser muito inconvenientes. Há determinados ritmos musicais que evocam um comportamento sensual na dança, ou estão comumente associados a atitudes reprováveis. Ao introduzir esses estilos musicais no ambiente de culto, podemos involuntariamente criar essas associações inconvenientes. Pode não haver nada necessariamente de errado com a música, mas não convém incluí-la no repertório litúrgico. O Reino não é bebida nem comida, muito menos estilos musicais.

Se a sua comunidade cristã não tem por sagrado determinada música, não force a aceitação. Respeite as limitações e a vontade da comunidade na qual você está inserido. Ainda que represente a vontade de uma minoria, o respeito e a tolerância é o princípio do amor pelos irmãos. Quando uma parte do corpo padece, todo o corpo padece junto!

O ANIMADOR DE AUDITÓRIO

Não existe nada mais hipócrita do que virar para o irmão ao seu lado e dizer “eu te amo”, “somos uma família” e “conta comigo”, só porque o animador de auditório da sua igreja mandou.

Virou um habito. Ninguém presta atenção no automatismo desses comandos. O que deveria ser uma expressão legítima de amor é apenas repetido mecanicamente, da boca para fora. Qual o valor disso? Esses comandos de animador de auditório realmente têm efeitos benéficos?

Não quero dissertar sobre o assunto, apenas quero que você pense um pouco sobre essa questão. Se a pessoa já tem esse amor pelos irmãos, precisa ser comandado? Se ela não tem, adianta dar o comando? Como fazer a Igreja legitimamente viver em família com todas as demonstrações de amor?

UM PITACO SOBRE O PAPEL DA COREOGRAFIA NA LITURGIA

Esse assunto pode desagradar alguns. Como a proposta é convidar o leitor a refletir sobre alguns assuntos relacionados à música no culto, dada a popularidade dessa prática, por que não falar sobre o grupo coreográfico? E vale lembrar que "pitaco" não significa opinião sem fundamento, mas sim uma "intromissão", uma opinião não solicitada - acho que será exatamente essa a classificação de alguns leitores para este assunto.

A coreografia é uma expressão artística como qualquer outra. Realiza-se sua expressão por meio da linguagem corporal (do grego χορογραφία; χορεία "dança" e -γραφία "grafia", "escrita"). A música não é o fim dessa arte, a música é um acessório. A música serve para trazer um adorno à expressão do corpo; ou seja, a apreciação da arte coreográfica está na expressão corporal e não na música. Temos coreografia sem música, mas não temos coreografia sem a linguagem corporal. Logo, a música é apenas adorno estético da arte coreográfica.

Esclarecido, como exposto acima, e concorde com minha definição de coreografia como expressão artística, apresento as minhas críticas ao emprego dessa atividade na liturgia.

Ainda não encontrei uma igreja cujo grupo coreográfico seja liderado por alguém com formação formal nessa arte. A atividade é 99,9% amadorística (Deve haver alguma exceção por aí!). Garanto que nem mesmo os líderes, em sua maioria, seriam capazes de definir a relação da música com a coreografia como acabei de fazer (Sim, pode me chamar de arrogante...)

Sem o mínimo conhecimento formal da arte coreográfica, a atividade resume-se a utilizar a linguagem corporal, sem o mínimo rigor técnico, para traduzir a mensagem da música na forma de gestos. E, se você pensar seriamente sobre o assunto, chegará à conclusão que a coreografia na igreja não passa realmente de um arranjo gestual e, muitas vezes, sem sentido. Ora, essa arte requer também "treino" do "espectador" para conseguir apreciá-la. No fim das contas, o que temos é um grupo coreográfico que não sabe coreografar e espectadores que não sabem apreciar a arte coreográfica.

Já expus o suficiente para questionar o lugar da coreografia na liturgia, mas o apelo ao amadorismo não será suficiente para justificar sua exclusão do culto (Necessariamente, nada seria suficiente!), porque quase todas as atividades na igreja são amadoras. Então, permita-me continuar.

Se a coreografia, sem técnica, assume a forma de arranjo gestual para interpretar a música, ela deixa de ser arte em si mesma e torna-se mero adorno da música. Ou seja, se eliminarmos a coreografia, a mensagem permanecerá na forma de música (na letra). E, se tirarmos a música, o que a coreografia, como praticada nas igrejas hoje, conseguirá comunicar? Nada! Será um conjunto de gestual sem o mínimo sentido, porque o conteúdo está na música e não na coreografia.

A coreografia, portanto, não pode ser, por si mesma, elemento litúrgico, porque é apenas adorno de um elemento de culto - a música. A música assume muitas formas - solo, coral, banda etc. A música sem solista não é solo; sem solo, não há conteúdo. A música sem coristas não é coro; sem coro, não há conteúdo. A música sem vocalista, tecladista, guitarrista, baixista e baterista não é banda; sem banda, não há conteúdo. A música sem coreografia continua sendo música, sem comprometer a comunicação de seu conteúdo. A coreografia não é elemento essencial à música, é apenas adorno. O culto continuará a ser culto sem coreografia; mas sem a música, o culto perde um de seus elementos constitutivos. Para ter música, precisamos de músicos e não de coreógrafos. Coreografia é adorno.

Com isso não estou dizendo que coreografia deveria ser banida do culto; como propõe o título, apenas desejo colocar a coreografia em seu devido lugar na liturgia: adorno, não essencial, de uma música. Nunca deveria ser atribuído à coreografia o valor de elemento litúrgico.

CONCLUSÃO

**“Que ele me mostre durante o dia o seu amor,
e assim de noite eu cantarei uma canção,
uma oração ao Deus que me dá vida”.**

Salmo 42:8 [NTLH]

A música na igreja é um ministério que deve ser levado a sério. A atividade musical faz parte da liturgia desde os tempos do tabernáculo. Na liturgia judaica, a música atingiu seu auge no templo de Salomão, com o legado de Davi. Há indícios para cremos que fez parte, também, do culto cristão desde a igreja primitiva.

A música tem valor didático no culto. Calvino acreditava que havia dois tipos de oração: a falada e a cantada; e os reformadores em geral atribuíam à música um caráter didático, uma vez que todo canto congregacional deveria ser centralizado na Palavra e, assim, refletia a confissão de fé reformada. Outra característica da Reforma era a adaptação dos cânticos segundo as diversas culturas onde as igrejas estavam inseridas. Nenhuma forma litúrgica foi tão flexível quanto a protestante, e a música da liturgia protestante sempre foi um reflexo da cultura. Com isso, concluímos que a diversidade de estilos musicais brasileiros e de nossa cultura globalizada no culto é movimento natural da igreja protestante, faz parte de nossa herança.

Há espaço para amadorismo, mas não há desculpas para o desleixo. Quem deseja ser músico na igreja deve dedicar-se à atividade com zelo, porque é ao Senhor quem serve, junto com a Igreja. Você, músico amador, estude para aprimorar o seu serviço. O músico profissional deve ser um professor, ensinar o que sabe, para contribuir com seu dom no aperfeiçoamento do corpo (a Igreja); e nunca deve se sentir melhor que os outros.

A música é importante, mas não é a peça mais importante do culto. Pela responsabilidade e exposição que tem, o músico deve ser exemplar no cuidado de sua vida cristã. Deve ser frequentador assíduo da Escola Bíblica Dominical, leitor dedicado da Palavra de Deus, ter bom comportamento e reverência no culto. Ser músico na igreja é coisa séria!